

# A gramática da memória na filosofia da Ludwig Wittgenstein: Articulações e Desdobramentos<sup>1</sup>

*The memory grammar in Ludwig Wittgenstein philosophy:  
articulations and deployments*

Thiago Ferreira dos Santos\*  
Marcus José Alves de Souza\*\*

Recebido em: 11/2013  
Aprovado em: 10/2015

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar uma investigação acerca do conceito de memória na filosofia de L. Wittgenstein, sobretudo a partir das obras finais em que o filósofo trata de assuntos referentes à psicologia. Uma vez que, através da memória se estabelece o conhecimento do passado no tempo presente, este é um conceito que merece atenção em seu tratamento. O modelo tradicional de memória é o de um sistema de armazenamento em que traços, imagens de vivências são codificadas nesse sistema podendo ser recuperados como lembrança. Nossa pretensão é mostrar as críticas de Wittgenstein sobre essa concepção tradicional de memória, bem como a apresentação de um modo original de tratamento para o conceito. Nesse sentido, propomos a investigação do tratamento dado por Wittgenstein ao conceito de memória, buscando reunir suas observações no estabelecimento do que chamamos de uma “gramática da memória”.

**Palavras-chave:** Filosofia, Psicologia, Mente, Memória, Wittgenstein

**Abstract:** This article aims to present an investigation into the concept of memory in L. Wittgenstein's philosophy, especially from

---

\*Graduando em filosofia, Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: thiago.fer1988@gmail.com

\*\*Doutor em filosofia, professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: marcusjsouza@yahoo.com.br

Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 42-62 ISSN 2236-8612  
doi:HTTP://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.17258

*the last works in which the philosopher comes to matters pertaining to psychology. Once that is established through memory the knowledge of the past in present time, this is a concept that deserves attention in its treatment. The traditional model of memory is a storage system that traces of experience are encoded and can be retrieved as a recalling. Our claim is to show Wittgenstein's criticisms on this traditional conception of memory as well as the presentation of an original mode of treatment for the concept. In this sense, we propose the investigation of the treatment given by Wittgenstein to the concept of memory, seeking to gather his observations in the establishment of what we call a "grammar of memory".*

**Keywords:** *Philosophy, Psychology, Mind, Memory, Wittgenstein*

### **Introdução**

A memória é entendida como uma habilidade pela qual o ser humano sintetiza, retém conhecimentos sobre o passado, retoma vivências, narrativas, além de ser um aspecto significante na construção da identidade do indivíduo, servindo como elo de suas experiências no tempo passado com o tempo presente, etc.. De modo que, a investigação acerca das características que constituem o conceito de memória, se apresenta durante a história como uma problemática relevante, que exige atenção.

Durante a história, muitos pensadores deram atenção à questão da memória. Nesse sentido, a tradição estabeleceu a visão de que a memória é um tipo de sistema de armazenamento, onde são depositados impressões ou traços de vivências passadas (PLATÃO, 2007)<sup>2</sup>. Seria caracterizada ainda por imagens mentais, tais imagens constituiriam na memória o conteúdo da vivência (ARISTÓTELES, 1930)<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, quando alguém lembra, está recuperando traços que foram deixados para trás na mente por uma experiência passada; está acessando as imagens mentais que coincidem com o ocorrido no tempo passado. A percepção disso seria possível devido a um sentimento específico, um sentimento de familiaridade (RUSSELL, 2001)<sup>4</sup> que acompanha a recordação.

Essa visão de memória, que a tradição estabelece, Wittgenstein problematiza, no sentido de uma mudança de

tratamento, em que não apenas critica as soluções propostas pela tradição, como dá um novo tratamento aos conceitos psicológicos, nesse caso ao conceito de memória, como veremos no desenvolvimento do texto. O estabelecimento desse novo tratamento proposto por Wittgenstein se encontra especialmente em obras da fase *pós-Tractatus*, obras da fase final de investigação.

Pois bem, com as *Investigações Filosóficas* já é possível visualizar essa inclinação de Wittgenstein para questões da psicologia, a segunda parte dessa obra já coloca questões relacionadas a conceitos psicológicos como o conceito de memória. É ainda nessa obra que somos introduzidos à noção de filosofia pragmática [da linguagem], em que o filósofo não está preocupado em criar hipóteses, mas em esclarecer problemas conceituais que estão relacionados ao mau uso da gramática e suas consequências. Desse modo, Wittgenstein se desloca de uma pergunta pela essência da linguagem [período tractatiano] e se preocupa com o funcionamento das linguagens, com base nos usos para os conceitos e na utilidade do modo de descrição dos conceitos. Desse modo, o tratamento dado pelo filósofo aos conceitos psicológicos parte da linguagem e, a partir da linguagem, se estabelece a descrição dos usos dos verbos psicológicos e conseqüentemente um clareamento do plano mental. Assim, o papel geral de Wittgenstein com a psicologia é, na verdade, de alertar para os problemas relacionados a nossos conceitos cristalizados sobre o mental.

É partindo de sua Filosofia da linguagem que Wittgenstein constrói sua Filosofia da Psicologia. Sobre Wittgenstein, Bortolo Valle afirma que:

Seu campo de trabalho é a linguagem que assume papel decisivo nas reflexões sobre o ambiente psicológico. Assim seus apontamentos se direcionam para o esclarecimento conceitual dos termos utilizados pela Psicologia, com a tarefa de definir com maior precisão o âmbito concreto das investigações psicológicas, bem como seu objeto e seu método. (VALLE, 2007, p. 104)

Ainda segundo Valle, é na linguagem ordinária que Wittgenstein compreende o conteúdo da Psicologia, ou seja, tais conceitos passariam por uma análise gramatical que, no geral, se

caracteriza como um modo de investigação que tem como base as regras (padrões de correção) estabelecidas no uso de uma linguagem. Desse modo, as explicações wittgensteinianas sobre o plano do mental têm na linguagem o objeto de descrição e clareamento das confusões conceituais que foram se estabelecendo na tradição filosófica, justamente por tirá-la (a linguagem) do uso. A dimensão dessa análise está justamente na ação, no uso. É no uso que a linguagem produz significação; no uso se estabelecem os jogos de linguagem e suas regras de significação. Nesse sentido, “os elementos psicológicos devem ser vistos no âmbito dos jogos de linguagem [...] É no jogo de linguagem, e somente neles que se pode buscar compreender o alcance de uma experiência psicológica” (VALLE, 2007, p. 105). Desse modo, temos que a linguagem se apresenta como um jogo, e, como jogo, possui regras, que são os padrões de correção para a significação de uma expressão; as regras da linguagem são regras gramaticais, ao passo que os jogos de linguagem estão ligados aos usos, às regras, na produção de significado, na especificação da gramática de determinado conceito.

As concepções tradicionais para o conceito de memória partem principalmente da ideia de interioridade resultante de explicações fundadas numa noção de interior como ‘algo’ privado. O interior seria algo acessível apenas para o sujeito da experiência; o plano do mental [vivências, experiências psicológicas] de um sujeito seria experienciado, conhecido diretamente apenas por ele próprio, sendo explicado a outro sujeito apenas indiretamente, este outro não teria acesso ao conhecimento direto, real, pois não teria acesso a outro interior se não o seu próprio. Para Wittgenstein, o problema dessa noção de interior privado é um problema da linguagem, e deve ser resolvido na linguagem, não no campo ontológico. Assim, o conteúdo mental, os verbos psicológicos devem passar a ser vistos a partir das regras da linguagem, e é esse o direcionamento para a investigação do conceito de memória nas observações de Wittgenstein.

Nos § 243 a 315 das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein estabelece o argumento (contra) a linguagem privada, com isso é promovido um tipo de desvelamento do interior, é proposta a publicidade do que até então era tido como privado. Esse argumento

é muito importante para o tratamento dado por Wittgenstein aos conceitos psicológicos, pois usado como pano de fundo de suas observações, o argumento contra a linguagem privada sustenta as descrições do filósofo sobre o plano do mental. Desse modo, para Wittgenstein, mesmo experiências privadas carecem de critérios de verificação, não pode haver tais critérios se não dados intersubjetivamente, pois tais critérios são dados por uma regra de uso e a regra só pode ser dada de forma pública, já que a regra pressupõe a ação e um processo de correção. É então no âmbito da ação que as experiências psicológicas devem ser tratadas, tomando como base as regras, os jogos de linguagem e o contexto em que estão inseridos. É, portanto, nesse sentido, que deve ser direcionada a compreensão do conceito de memória na filosofia da psicologia de Wittgenstein.

Tomando como referências base, as obras *Observações Sobre a Filosofia da Psicologia e Investigações Filosóficas*, nas quais o filósofo propõe observações acerca de conceitos psicológicos, realizou-se esta investigação sobre o conceito de memória, sendo possível o estabelecimento de certas noções e conexões em relação ao tratamento dado a esse conceito. Como sua preocupação é de promover um esclarecimento conceitual, Wittgenstein se empenha em desconstruir aquilo que vinha sendo tomado pela tradição como memória. Dessa forma, suas principais críticas recaem sobre as noções de memória como um sistema de armazenamento [traços de memória], sobre a noção de memória como imagem mental [imagem de memória] e seus desdobramentos. Estes serão os temas trabalhados na sequência. Instituídas as críticas, procuraremos tomar a dimensão dos jogos de linguagem em que está inserido o conceito de memória proposto pelo filósofo.

### ***Memória como Sistema de Armazenamento (Traços de memória)***

A ideia corrente é de que a memória é um sistema de armazenamento, é um tipo de “caixa” onde traços de vivências são depositados; esses traços formariam o conteúdo da memória. Nessa perspectiva, o cérebro é tomado como o lugar específico onde se encontra essa “caixa”, ao passo que os processos mentais seriam

lidos em processos físicos, no cérebro. Essa ideia é rechaçada por Wittgenstein, em críticas tanto a uma relação isomórfica entre mente e cérebro, quanto à própria noção de causalidade. Para Wittgenstein, o problema está na necessidade de estabelecer um isomorfismo, em que o cérebro seja o centro onde se localizem traços e impressões, de modo que para lembrar seria necessário inferir a lembrança de um traço. Portanto, para demonstrar a confusão que a ideia de isomorfismo mente-cérebro constitui para uma noção do conceito de memória, Wittgenstein estabelece ainda uma mudança de tratamento para a noção corrente de causalidade.

Sobre essa questão, nas *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*, Wittgenstein citou:

Nenhuma suposição me parece mais natural que a de que não existe nenhum processo no cérebro correlacionado ao associar ou pensar; de forma que então seria impossível ler processos de pensamento em processos cerebrais. Eis o que quero dizer: Quando falo ou escrevo, eu suponho que haja, saindo de meu cérebro, um sistema de impulsos coordenado a meus pensamentos falados ou escritos. Mas por que o *sistema* deveria continuar adiante na direção do centro? Por que essa ordenação não deve, por assim dizer, surgir do caos? O caso seria semelhante a este: – certas espécies de plantas se multiplicam por meio de sementes, de modo que uma semente sempre produz uma planta da mesma espécie que a planta da qual ela foi produzida – mas *nada* na semente corresponde à planta que brota dela; de forma que é impossível inferir das propriedades ou da estrutura da semente as propriedades e as estruturas da planta que dela brota – apenas se pode fazer isso com base em sua *história*. Dessa forma, portanto, um organismo poderia sair, sem uma causa, por assim dizer, de algo bastante amorfo; (WITTGENSTEIN, 2008. P. 193).

Certamente o cérebro está relacionado a processos como o pensar, o recordar. Contudo, o que Wittgenstein propõe é que não há razão para acreditar na necessidade de ter o cérebro como centro na *necessidade* de um isomorfismo. Em outras palavras, o que ele propõe é que pode haver processos mentais que não estejam necessariamente correlacionados a uma causa específica, como propõe com o exemplo das sementes. Como cita David G. Stern,

com esse exemplo, Wittgenstein não diz simplesmente que podemos ser incapazes de distinguir sementes de plantas diferentes baseados em suas estruturas e composições químicas. Não obstante, o filósofo sugere que seria impossível fazer isso, justamente porque “*nada* na semente corresponde à planta que brota dela”. Sendo assim, como Wittgenstein aponta, a única maneira de estabelecer distinções seria com base na história, ou seja, a partir da planta que brota e que dela brotará (STERN, 1991, p. 209).

O exemplo das sementes implica na afirmação de Wittgenstein de que “então é perfeitamente possível que certos fenômenos psicológicos não possam ser investigados fisiologicamente, porque nada de fisiológico corresponde a eles” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 193). A necessidade de encontrar uma causa específica para que um evento faça sentido é um vício gramatical do modo tradicional de entender a questão.

Além de rechaçar a ideia de isomorfismo, Wittgenstein nega também a ideia de paralelismo psicofísico. Stern propõe que essa negação do paralelismo psicofísico decorre diretamente dessa ideia de que há relação possível entre processos físicos e mentais (STERN, 1991, p. 214). A cerca disso Wittgenstein afirma que

[...] o preconceito a favor do paralelismo psicofísico é também fruto de uma concepção primitiva da gramática. Pois, se admitimos uma causalidade entre fenômenos psicológicos que não é mediada fisiologicamente, pensamos estar assim afiançando a existência de uma alma *ao lado* do corpo, de uma entidade mental fantasmagórica. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 194)

Desse modo, temos que Wittgenstein não nega uma possível relação mental-físico, o que ele nega é justamente um *isomorfismo* ou um *paralelismo psicofísico*, bem como a necessidade de usar essas ideias como base para explicação de processos mentais, assim, Wittgenstein se opõe aos modelos fiscalistas e dualistas tradicionais de explicação para conceitos mentais, como o conceito de memória. O modo de tratamento dado pelo filósofo é diferente, justamente porque esse é um problema de linguagem e deve ser resolvido na linguagem. É com seu método de descrição gramatical que Wittgenstein sustenta suas críticas aos modelos tradicionais.

A dimensão da crítica ao conceito de memória como um sistema de armazenamento tem como elemento básico a crítica à *necessidade* de uma correlação entre processos físicos e mentais. E decorrente disso, a crítica à visão corrente de causalidade, uma vez que é uma visão estreita de causalidade que gera uma série de confusões no tratamento dos conceitos psicológicos.

Na seguinte citação, Wittgenstein dá o tom da crítica a ideia tradicional de causalidade, que já havia sido anunciada nos §§903-904 das *Observações Sobre a Filosofia da Psicologia*. Aqui ele propõe que caiam por terra nossos conceitos relativos à causalidade:

Eu vi este homem anos atrás; agora o vejo de novo, reconheço-o, lembro-me de seu nome. E por que tem de haver para esta lembrança uma causa em meu sistema nervoso? Por que alguma coisa, seja lá o que ela for, tem de estar ali armazenada **numa forma qualquer**? Por que ele *tem* de ter deixado um vestígio? Por que não deve haver uma legalidade psicológica que não corresponde a *nenhuma* legalidade fisiológica? Se isto põe por terra nossos conceitos relativos à causalidade, então já era tempo que eles fossem postos por terra. (WITTGENSTEIN, 2008, pp.193-194)

A ideia tradicional de que a causa deve ser necessariamente preceptiva, ou seja, um efeito deve ser necessariamente efeito de uma causa específica, é questionada por Wittgenstein como ficou claro no §903(WITTGENSTEIN, 2008, p. 193) com o exemplo das sementes. Segundo Glock, numa perspectiva wittgensteiniana, se de sementes aparentemente idênticas brotam plantas diferentes, não é necessário que haja diferença nas sementes (pensar dessa forma é pensar em causa como não preceptiva). “A insistência na ideia de que essa diferença deva necessariamente existir não se baseia em um discernimento da real natureza das coisas; configura-se a adesão a uma norma de representação” (GLOCK, 1998, p. 70). Isso porque, é, na realidade, uma imensa variedade de modos de aplicação do conceito de causa que constituem a causalidade. E é essa norma que Wittgenstein propõe pôr por terra, para que então se compreenda a gramática do conceito de memória.

É necessário ainda fazer uma distinção entre os conceitos de *causa* e *razão*, sendo fundamental para compreender o raciocínio de

Wittgenstein, pois para o filósofo se estabelece uma confusão no uso desses conceitos (causa e razão) devido ao uso ambíguo da palavra “porquê”, uma vez que uma resposta para a pergunta “porquê?” pode se aplicar tanto para causas quanto para razões. Pelas normas tradicionais, estamos inclinados a confundir essas noções e por vezes tomar razões por causas.

Para Wittgenstein, o conceito de razão se estabelece como a justificativa de uma ação. “Dar uma razão para algo que se fez ou disse significa mostrar um caminho que conduz a esta acção” (WITTGENSTEIN, 1992, p. 42). As razões são dadas como justificativas, as causas não. Ainda, enquanto, em geral, se concebe a causa de uma ação depois de certo número de experiências concordantes verificadas, para dar uma razão, ou ainda para saber a razão de ter feito uma ação, não é necessário a exigência de experiências concordantes (WITTGENSTEIN, 1992, p. 43). Desse modo, temos que quando se trata de afirmações sobre conceitos internos, estamos tratando em sua maioria em termos de razões (alguns conceitos podem ser causais) uma vez que justificamos porque conhecemos as razões.

Wittgenstein vai dizer ainda que a diferença gramatical das palavras “causa” e “razão”, é a mesma de “causa” e “motivo” (WITTGENSTEIN, 1992, p. 44). Ao passo que as causas são conjecturadas, mas os motivos nós conhecemos, os justificamos. Disso resulta que:

O duplo uso da palavra <<porquê>>, aplicando-se tanto a causa como ao motivo, juntamente com a ideia de que podemos conhecer e não apenas conjecturar os nossos motivos, dá origem à confusão que nos leva a considerar o motivo como uma causa de que temos conhecimento imediato, uma causa <<observada interiormente>>, ou revelada pela experiência. – Dar uma razão é como apresentar um cálculo que tivesse permitido a obtenção de um certo resultado (WITTGENSTEIN, 1992, p. 45).

A proposta dessas distinções feitas por Wittgenstein tem consequências importantes que dão forma a sua perspectiva de compreensão das ações humanas, nesse caso, as distinções para causas e razões no plano do mental são importantes para preservar a

crítica do filósofo em relação às confusões feitas pela tradição na mistura desses conceitos, pois uma vez que são clareados os jogos de linguagem para causas e razões, tomamos a noção de razão saindo da necessidade de conceber conexões causais, mecânicas, mas entramos no âmbito da ação, em que os conceitos vão sendo dados pelas regras estabelecidas nos jogos que determinada forma de vida possibilita.

Segundo Moyal-Sharrock “The brain, then, is a *mechanical* enabler, not the storehouse and codifier of our memories”. (MOYAL-SHARROCK, 2009, p. 5)<sup>5</sup>. A autora acredita que essa ideia de traços, de imagens mentais resulta dessa causalidade mal interpretada. Propõe que essa combinação entre condições causais e representações causais é uma visão estreita e enganosa de memória, e é o que promove nossos equívocos em relação à memória, uma vez que somos avessos a prever uma causa que não seja fisiológica. (MOYAL-SHARROCK, 2009, p. 5). Neste caso, associada ao cérebro.

Atribuir ao cérebro a causa específica dos processos psicológicos é cair numa *falácia mereológica*, que, nesse caso, seria atribuir falaciosamente a uma parte do ser humano [cérebro], por exemplo, uma capacidade que é dele como um todo. “Memory is an ability, and it is an ability that beings have, not traces or brains”. (MOYAL-SHARROCK, 2009, p. 6)<sup>6</sup>. Portanto, é esse o caminho que Wittgenstein percorre, de entender o conceito de memória como uma capacidade do ser humano, enquanto possuidor de linguagem, e como se encontra no âmbito da linguagem, o conceito de memória deve está estabelecido dentro dos comportamentos linguísticos derivados das regras, dos jogos de linguagem que cabem a esse conceito. A noção de memória deve, antes de tudo, livrar-se de seu posicionamento tradicional, onde se gera uma visão estreita. De modo que as críticas do filósofo se encaminham para clarear o uso correto para o conceito de memória.

Para Wittgenstein, além de ser um engano essa noção de sistema de armazenamento, a própria ideia de inferir uma lembrança de um traço no cérebro é problemática, e o filósofo rejeita como sendo lembrança:

Um evento deixa um rastro na memória: às vezes imagina-se que isso consistiria no evento deixar para trás um rastro, uma impressão, uma consequência no sistema nervoso. Como se pudéssemos dizer: até os nervos tem uma memória. Mas, se alguém agora se lembra de um evento, ele teria de deduzi-lo dessa impressão, desse rastro. Seja o que for que o evento deixe para trás no organismo, isso não é lembrança. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 62).

Wittgenstein rejeita essa ideia de deduzir um evento lembrado de um traço, uma vez que é confusa a maneira como se instituiria essa ação. A problemática está em como se estabelece a temporalidade de um traço representacional, ou seja, como entendemos que tal e tal imagem inferida remete a um tempo específico no passado. Moyal-Sharrock nos leva a entender que para pensar dessa forma seria necessária a presença de um homúnculo no interior que interpretasse tais traços e estabelecesse suas relações com o passado e então nos fornecesse dados de lembrança, mas pensar assim seria cair no que ela caracteriza como *falácia do homúnculo*, uma vez que não existe tal entidade interpretando rastros de memória. (MOYAL-SHARROCK, 2009, p. 6). Admitir uma presença inteligente no interior seria levar a ideia de causalidade a um patamar ainda mais confuso e isso não justifica a dedução de uma lembrança, apenas torna a questão mais confusa, assim “seja o que for que o evento deixe para trás no organismo, isso não é lembrança” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 62). Para Wittgenstein, não existem critérios de correção se não públicos, assim o conceito de memória vai se estabelecendo na ação, no contexto da vida.

Não obstante, essa inclinação para inferir a lembrança de traços depositados numa ‘caixa’ de armazenamento, além de estar relacionada a essa noção de causalidade mal interpretada, está ainda ligada à ideia de representação. Como já foi sugerido, há ainda a noção de traços como sendo conteúdos imagéticos, imagens de memória que vêm acompanhados daquilo que Russell chamou de sentimento de familiaridade, mas como será visto na próxima sessão, isso, para Wittgenstein, é um equívoco, já que não há critérios internos que avaliem o conteúdo de nossas vivências interiores.

Ainda, para uma visão mais ampla da crítica de Wittgenstein à noção de memória tida como sistema de armazenamento, é preciso uma discussão a mais sobre a questão da imagem mental, sobre digamos, esses rastros imagéticos, que são tomados como conteúdos necessários da memória.

### ***Memória como Representação (Imagem de Memória)***

A memória foi tradicionalmente caracterizada como tendo um conteúdo imagético, dessa forma, para lembrar, seria preciso acessar imagens na mente. Pois bem, do mesmo modo que Wittgenstein critica a noção de memória como um sistema de armazenamento, em que rejeita, na verdade, uma relação necessariamente isomórfica entre mente e cérebro, ele critica justamente a necessidade dessas imagens mentais no processo de recordação. Ele não nega a existência de imagens na memória, porém não é incomum lembrar sem que seja preciso acessar imagens. Nesse sentido, Wittgenstein questiona a *necessidade* da ideia de que a lembrança tenha um conteúdo vivencial (experencial) imagético.

Wittgenstein diz: “É verdade, quando digo ‘Lembranças daquele dia vieram à tona dentro de mim’, tudo parece diferente. Aqui fico inclinado a falar de um conteúdo da experiência e imagino algo como palavras e imagens vindo à tona diante de minha mente”. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 37), ou seja, estamos acostumados a pensar que acessamos a um conteúdo privado em forma de imagens de onde vêm esses traços. E é justamente o que caracteriza um conteúdo vivencial (experencial), sua privacidade, como é citado nessa passagem: “E de onde se tira o conceito de ‘conteúdo’ de uma vivência? Bem, o conteúdo da vivência é o objeto privado, o dado sensível, o ‘objeto’ que capto imediatamente com o olho, o ouvido (etc.) espirituais. A imagem interior”. Wittgenstein ainda enfatiza – ‘Mas onde se tem necessidade desse conceito?’ (WITTGENSTEIN, 2008, p. 36).

A pergunta por qual a necessidade desse conceito (conteúdo vivencial imagético), proposta por Wittgenstein, caracteriza justamente sua rejeição pela *necessidade* da lembrança ser inferida de traços imagéticos em um interior privado, ao passo que

caracterizar a lembrança como conteúdo da vivência, é dizer que provém de um processo interno privado. Porém, desde as *Investigações Filosóficas*, com a argumentação que o filósofo faz contra uma linguagem privada ou mesmo experiências privadas, pertencentes única e exclusivamente a determinado sujeito, a noção de um interior privado é posta em xeque, de modo que a noção de conteúdo vivencial da lembrança é rechaçada. Pois se a lembrança é a inferência de um conteúdo vivencial e, por tanto, privado, então sabemos que seria necessária a avaliação por um critério externo, uma vez que não é possível um critério interno privado, pois uma regra só se caracteriza como regra se é seguida intersubjetivamente, tendo efetiva correção. E mesmo que supuséssemos a existência de critérios internos, para tornar aquilo que lembramos acessível a outrem, nossos critérios de avaliação ainda são externos, do contrário não haveria critérios, pois sem efetiva correção.

O filósofo rejeita a determinação dessas vivências interiores, ou essa ideia de sentimento de familiaridade, não apenas pelo método da introspecção (uma vez que não há critério privado), mas também rejeita a possibilidade da determinação de uma vivência interna específica obtida por uma verificação minuciosa. Esse modo de determinação (verificação minuciosa) cai em uma armadilha epistêmica, pois como não é possível traçar um critério de verificação se não publicamente, torna-se insólita a indicação de uma vivência específica para um verbo psicológico como o lembrar, porquanto (pela exigência da verificação) para cada indicação de vivência específica, será exigido algo de mais essencial, mais específico, num processo indefinido. De modo que, para Wittgenstein, procurar um conteúdo vivencial, uma vivência específica para a lembrança é cair sob o equívoco da concepção tradicional de memória. Um conteúdo vivencial não deve ser tomado como critério de determinação de estados internos do sujeito, uma vez que as vivências “não são objetos que se possam nomear ou descrever por ostentação interior. Ao se fazer isso, se cai na exigência de algo mais profundo e essencial que nunca é determinado” (SOUZA, 2010, p. 186). De fato a memória não possui nenhum conteúdo de vivência específica.

Se expresso uma lembrança, posso expressá-la verbalmente, porque aprendi uma língua, e como sabemos que, para

Wittgenstein, toda linguagem é pública, certas lembranças só são possíveis porque possuímos linguagem. Ainda, se nos lembramos, por exemplo, de um vilarejo em que passamos nossa infância, podemos representá-lo com uma fotografia, por exemplo. Além disso, devido à ambiguidade de nosso modo de ver (ver - como), é bem possível que, ao lembrar determinada experiência, nos utilizemos de imagens que variem da experiência. Como os critérios são externos, e apenas externos, conseqüentemente não é necessário que a lembrança tenha qualquer conteúdo vivencial, e ainda que imagens mentais não se caracterizem como conteúdos da memória, sendo contingentes do processo de lembrança.

Segundo Wittgenstein, ainda sobre essa questão,

Poderia quase causar surpresa a alguém o fato de que a pergunta “o que você fez hoje de manhã” pode ser respondida – sem que eu saia em busca de rastros históricos em minha atividade ou algo do tipo. E o que acontece é que eu respondo, e eu nunca saberia que isso só é possível graças a um processo mental particular, o da lembrança, se não tivessem me dito que é assim. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 36)

Desse modo, para o filósofo, se somos inclinados a pensar dessa forma é porque aprendemos, aprendemos a pensar que acessamos a processos específicos, que o cérebro é um tipo de engrama, que quando lembramos estamos inferido de traços armazenados, codificados etc. E nesse sentido, a missão do filósofo é justamente clarear os erros de nosso entendimento.

No capítulo XIII da segunda parte das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein já nos avisa sobre essa questão, dizendo que

Recordar não tem conteúdo de vivência. – Isto não pode ser reconhecido por retrospectão? Ela não mostra precisamente que não há nada aí quando procuro por um conteúdo? – Ela poderia mostrar isto apenas de caso para caso. E ela não pode mostrar o que a palavra “recordar” significa, onde portanto se deveria procurar por um conteúdo! (WITTGENSTEIN, 1999, p. 206).

Pois que esse conteúdo deve ser buscado intersubjetivamente. Para Wittgenstein, temos uma ideia do conteúdo da memória pela comparação dos conceitos psicológicos, em certa medida, podemos dizer pela comparação de jogos de linguagem. A memória, tal como Wittgenstein aponta, pode ser vista como uma habilidade relacionada à linguagem, e sabemos o que é recordar não simplesmente porque a lembrança foi provocada por algo que passou, mas se sabemos o que é algo que passou, é por que aprendemos o conceito de passado recordando (WITTGENSTEIN, 1999, p. 206). Isso é possível, pois possuímos linguagem.

Essa afirmação, a de que a memória é uma habilidade que requer linguagem, nos leva ainda a uma discussão que demanda alguma atenção. A questão é, se Wittgenstein admite que seres sem linguagem possuem estados mentais ou se tais estados só são possíveis aos seres dotados de linguagem.

Se tomarmos a compreensão de memória proposta pelo filósofo (memória como habilidade relacionada à linguagem) de forma superficial, chegaremos à conclusão imediata de que com essa afirmação Wittgenstein está negando a existência de estados mentais em seres desprovidos de linguagem, ao passo que os animais seriam desprovidos de estados interiores. Porém, dada a devida atenção a essa questão, podemos evitar o erro e clarear a compreensão.

Joseph J. Lynch em *Wittgenstein and Animal Minds* propõe sugestões acerca da questão em discussão. Para Lynch “*Language does make an important difference as to what sorts of mental states a creature might realize on Wittgenstein’s view*” (LYNCH, 1996, p. 47)<sup>7</sup>. Concordamos que a linguagem confere uma diferença importante em termos psicológicos, mas não é decisiva a ponto de afirmarmos que não é possível atribuir estados internos a seres sem linguagem, como aos animais por exemplo.

Nas *Investigações Filosóficas* fica claro que Wittgenstein reconhece a possibilidade de estados psicológicos em seres que não possuem linguagem, no §650 tomamos a seguinte afirmação: “Dizemos que um cão teme que seu dono lhe vá bater; mas não dizemos que ele teme que seu dono vá bater nele amanhã. Por que não?” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 158). A citação propõe a existência de estados mentais em um cão “ele teme”, porém tais

estados são mais simples, ao que parece por não possuírem linguagem. Temos então que a linguagem possibilita estados mentais mais sofisticados, ou ainda certos estados interiores só são possíveis se houver linguagem. Como Lynch cita, “*It seems then that Wittgenstein is only contending that some mental states are possible only for creatures with linguistic capacity*” (LYNCH, 1996, p. 48)<sup>8</sup>. Afirmar que Wittgenstein nega a possibilidade de estados internos em criaturas sem linguagem, a exemplo dos animais, é cair em erro, uma vez que o que o filósofo faz é ponderar os atributos da linguagem sobre os estados psicológicos.

Contudo, não devemos ser levados a pensar que a diferença entre seres humanos e animais, é que uns possuem linguagem e outros não, isso seria incorrer em erro, uma vez que, para Wittgenstein, o problema para a compreensão de uma mentalidade animal está nas diferentes formas de vida entre homens e animais. Wittgenstein afirma que “se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo”. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 201). A questão não está simplesmente no fato de possuir ou não linguagem, mas no fato de que “representar uma linguagem significa representar uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 32). E esse (Forma de vida) é um conceito muito importante na filosofia do Segundo Wittgenstein, que, apesar de ser de difícil definição, deve ser tomado sempre como pressuposto da compreensão wittgensteiniana, pois há todo um jogo cultural, comportamental, de visão de mundo na forma como se dá a compreensão da linguagem nas necessidades, nos usos da vida cotidiana. Nesse sentido, pode-se dizer que a diferença entre os seres humanos e leões (entre outros animais) é devido a suas diferentes formas de vida, pois mesmo que um leão pudesse falar sua construção comportamental, linguística etc., seria tão estranha ao ser humano que seria incompreensível.

Seguindo o raciocínio de Lynch sobre essa questão, na perspectiva de Wittgenstein, é um absurdo tentar explicar o comportamento animal em termos de crenças ou desejos, quando não podemos dizer o que são as crenças e desejos dos animais (LYNCH, 1996, p. 50). O mesmo se aplica à questão da problemática da memória, pois se trata de formas de vida diferentes. Ainda, não apenas pelo fato de não possuírem linguagem, é arriscado conceber um estado como a memória no mesmo patamar

que o ser humano, mas antes porque avaliamos essa questão a partir de nossa linguagem (de nossa forma de vida), o que não estabelece necessidade alguma de que estejamos certos, justamente por não compreendermos a forma de vida dos animais. Wittgenstein propõe no §649 das *Investigações*: “‘Então aquele que não aprendeu nenhuma linguagem não pode ter certas recordações?’ Certamente, – não pode ter recordações, desejos ou temores expressos por palavras” (WITTGENSTEIN, 1999. p. 158); o que, de fato, os animais não podem. Desse modo, o conceito de memória de que estamos tratando, na perspectiva de Wittgenstein, é consequência de uma forma de vida, da possibilidade de linguagem e tal forma de vida e comportamento linguístico diz respeito ao ser humano.

Comprendemos, então, a memória tal como uma habilidade do ser humano que é aprendida (WITTGENSTEIN, 1999. p. 206), devido à apreensão do conceito de passado dada pela capacidade linguística, sem que haja necessidade de um conteúdo de vivências interiores determinada, estando ainda relacionada a uma forma de vida comum ao gênero humano. Como Wittgenstein cita no §241 das *Investigações Filosóficas*, “‘Assim, pois, você diz que o acordo entre os homens decide o que é correto e o que é falso?’ – correto e falso é o que os homens *dizem*; e na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre a forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1999. p. 98). Assim, o conceito de memória, tal como é tratado por Wittgenstein, faz parte daquilo que é concebido pelos homens dentro de uma forma de vida, de uma linguagem humana.

Prosseguindo. Além da memória não ter um conteúdo vivencial específico, de as imagens mentais não se caracterizarem como conteúdo da lembrança em sentido necessário (diferentes imagens podem se adequar à lembrança de um evento passado, sendo as imagens mentais acompanhantes contingentes das lembranças), a própria noção de imagem mental é problemática para Wittgenstein, uma vez que está passível de ambiguidade, está sujeita ao ver-como.

Pensar em imagens mentais como critério para a lembrança e, conseqüentemente, para o conhecimento do passado, é correr o risco de se cair na inexatidão do modo de apresentação de um evento no passado. Mais um motivo para não tomar a compreensão

imagética de memória como necessária, pois o modo como podemos apreender a imagem de um evento pode ter muito a ver com a forma como fomos ensinados sobre determinado evento, bem como fatores comportamentais que influem naquilo que retemos, assim diz Wittgenstein:

Será que o aparecimento do aspecto é mais estranho que minha lembrança de uma determinada pessoa real, pessoa de que tenho uma imagem de memória? É verdade, há até mesmo uma semelhança entre dois eventos. Pois aqui também se pergunta a si mesmo: Como é possível que eu dele tenha uma imagem de memória e não haja dúvida de que é uma imagem dele? (WITTGENSTEIN, 2008, p. 209).

Entramos assim, em um impasse quando se propõe uma representação de memória exata, já que nossa inclinação influencia no que é visto e, conseqüentemente, no que é lembrado (e tomado como imagem mental necessária). Ao passo que a questão não é meramente representar, mas saber descrever o que se vivencia. Esse é um critério público, dado intersubjetivamente, assim “aprendo a descrever o que vejo; e aí aprendo *todos* os jogos de linguagem possíveis”. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 206).

### **Conclusão**

Os conceitos da psicologia são simplesmente conceitos do dia-a-dia. Não conceitos reformados pela ciência para seus próprios propósitos, como os da física e da química. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 273). Nesse sentido a pretensão de Wittgenstein com a psicologia é justamente esclarecer os erros nela contidos, desmistificar as noções mais estritas e pensá-la no âmbito de uma linguagem ordinária, no âmbito da ação.

A memória não é simplesmente um processo de representação de experiências, mas engloba todo um modo aprendido de se comportar, ou seja, nossas ações podem constituir a capacidade de lembrar, como expressões corporais, gestos, palavras, uma vez que essas expressões joguem conforme a regra do jogo que aparece em determinada forma de vida.

Contudo, para Wittgenstein, memória é uma habilidade que requer previamente uma apreensão linguística e, cujos critérios para o estabelecimento do conceito são dados publicamente e salvaguardados pela forma de vida referente ao ser humano. E aí está o avanço produzido pelo filósofo, pois fica desmitificado o interior de experiências privadas ou de entidades privadas e proposto uma compreensão psicológica que se relaciona ao modo cotidiano de vida humano. Dessa forma, a maneira como o filósofo interpreta a psicologia está intimamente ligada a sua filosofia da linguagem, como um exercício de descrição gramatical do uso dos verbos psicológicos, como estabelecimento de uma gramática, que é interpretada sob o âmbito da visão de linguagem ordinária, em que não cabem super-conceitos, mas conceitos ordinários, que se estabelecem na práxis.

Assim, em vez de tomarmos por memória sistemas codificadores de traços e imagens no cérebro ou conteúdos vivenciais específicos de esferas privadas com características, por vezes, metafísicas ou pneumáticas, tomemos então por memória uma habilidade do ser humano por inteiro, ligada a sua capacidade de expressão linguística. Parece que é esse o caminho proposto por Wittgenstein quando se pensa memória, um conceito de memória desmistificado de seu sentido tradicional e calcada em um jeito de agir, baseado nas regras que a forma de vida possibilita.

### ***Referências***

ARISTÓTELES. **On Memory and Reminiscence**. Translated J. I. Beare. IN: Ross, W. D. (Ed.) (1930). *The works of Aristotle* - vol. 3. Oxford: Clarendon Press. [A short work, part of the *Parva Naturalia*, that follows from *De anima*.]

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein / Hans-Johann Glock**. Trad. Helena Martins. Rev.técnica. Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LYNCH, Joseph J.. **Wittgenstein and Animal Minds**. IN: *Between the Species*. Seattle: April 1996. (pp. 47-52).

MOYAL-SHARROCK, Danièle. **Wittgenstein and the Memory Debate**. IN: U. Mueller & T. Racine (Eds), *New Ideas in*

*Psychology* Special Issue: Mind, Meaning and Language: Wittgenstein's Relevance for Psychology 27(2009). pp.1-26. Disponível em: <http://uhra.herts.ac.uk/bitstream/handle/2299/3838/903295.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 de novembro de 2013.

PLATÃO. **Teeteto (ou do conhecimento)**. IN: *Dialógos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)*. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: 2007. [Clássicos Edipro].

RUSSELL, Bertrand. **Analysis of Mind**. The Electronic Classics Series Publication, Jim Manis, Editor, PSU-Hazleton, Hazleton, PA 18202, 2001.

SOUZA, Marcus José Alves de. **Configurações do Conceito de Vontade na Obra de Wittgenstein / Marcus José Alves de Souza**. - - João Pessoa: [s. n.], 2010. [Tese de Doutorado]

STERN, David G.. **Models of Memory: Wittgenstein and cognitive science**. IN: *Philosophical psychology* - vol.4, nº2, 1991 (pp.203-218)

VALLE, Bortolo. **A Filosofia da Psicologia em Ludwig Wittgenstein: Sobre o “Plano de Tratamento dos Conceitos Psicológicos”**. IN: *Revista AdVerbum* 2 (1) jan a jun de 2007 (pp.102-111).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. [Col. Os Pensadores].

WITTGENSTEIN, Ludwig. **O Livro Azul**. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações sobre a Filosofia da Psicologia – vol I e II**. Trad. Ricardo Hermann Ploch Machado. São Paulo: Idéias & Letras, 2008. [Subjetividade Contemporânea].

---

<sup>1</sup> Artigo construído a partir dos resultados de projeto de pesquisa PIBIC (2011/12) intitulado *A Problemática da Memória na Filosofia de Ludwig Wittgenstein*

<sup>2</sup> No diálogo *Teeteto*, versos 191 d-e, Platão se utiliza da metáfora do bloco de cera para falar da memória. A memória seria como um bloco de cera que aceita marcas que podem durar ou com o tempo desaparecer. Para Platão a memória tal qual o bloco de cera poderia armazenar marcas, e também as perder (esquecimento). Haveria então, presente de Mnemosine, um bloco de cera nas almas, maleável na medida de guardar impressões por excelência. PLATÃO. *Teeteto (ou do conhecimento)*. IN: *Dialógos I: Teeteto (ou do conhecimento)*, *Problemata: R. Intern. Fil.* v.6, n. 3(2015), p 42-62 ISSN 2236-8612

---

*Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Trad. Edson Bini. Bauru, SP: 2007. [Clássicos Edipro]. p. 122*

<sup>3</sup> *Aristóteles propõe que memória não consiste somente em conservar traços de experiências passadas. No tratado *On Memory and Reminiscence*, o filósofo investiga a função das imagens, dos vestígios imagéticos como fundamentais no processo de recordação. ARISTÓTELES. *On Memory and Reminiscence*. Translated J. I. Beare. IN: Ross, W. D. (Ed.) (1930). *The works of Aristotle - vol. 3*. Oxford: Clarendon Press. [A short work, part of the *Parva Naturalia*, that follows from *De anima*.]*

<sup>4</sup> *No capítulo IX do *The Analysis of Mind*, Russell discorre sobre a Memória, e propõe que compreendemos o ato de recordar, pois temos como característica para distinguir as imagens de memória o sentimento de familiaridade que acompanha esses traços na lembrança. RUSSELL, Bertrand. *Analysis of Mind*. The Electronic Classics Series Publication, Jim Manis, Editor, PSU-Hazleton, Hazleton, PA 18202, 2001. p. 112*

<sup>5</sup> *(Tradução própria) “o cérebro é um capacitor mecânico, não um armazém e codificador de nossas memórias”.*

<sup>6</sup> *(Tradução própria) “A memória é uma habilidade, e esta é uma capacidade que os seres possuem, não traços ou cérebros”.*

<sup>7</sup> *(Tradução própria) “A linguagem faz uma diferença importante em relação a que tipos de estados mentais uma criatura pode realizar, na visão de Wittgenstein”.*

<sup>8</sup> *(Tradução própria) “Parece então que Wittgenstein está apenas alegando que alguns estados mentais são possíveis apenas para criaturas com capacidade linguística”.*